


SARAH FERGUSON

DUQUESA DE YORK

«Uma história de coragem
e determinação, tendo como
pano de fundo o charme
e as duras restrições
da aristocracia britânica
de meados do século XIX.»

Sir Julian Fellowes,
criador de *Downton Abbey*



Onde
MELEVA
o
CORAÇÃO

TOP
SEL
LER

BESTSELLER DO SUNDAY TIMES

Este livro é dedicado às minhas raparigas lindas, que têm toda a força e coragem de Lady Margaret e muito mais, e que não esperaram até aos 61 anos para seguirem os seus corações e viverem à sua maneira. Este livro é para vocês, Beatrice e Eugenie, com todo o meu amor.

CAPÍTULO 1

Montagu House, Londres,
quarta-feira, 19 de julho de 1865

— **A**h, a menina está aí. É quase meia-noite, minha querida. Lorde Rufus Ponsonby, o Conde de Killin, era visto pela maioria das pessoas como um homem bem-apeçoado. O queixo angular estava sempre impecavelmente barbeado, o cabelo, perfeitamente penteado. A sua figura alta e esguia apresentava-se por norma imaculadamente vestida. O perfil aquilino exibia a altivez que convinha a um conde do reino. Cada traço seu era austero, contido e calculado.

Lady Margaret Montagu Douglas Scott recuou involuntariamente ao vê-lo surgir diante de si.

— Tenho perfeita consciência disso.

Como sempre, o conde parecia indiferente à reação irritada que ela invariavelmente exibia na sua presença.

— Porque se esconde nas sombras? Talvez esteja preocupada com a sua indumentária — prosseguiu, respondendo ele próprio à pergunta. — Permita-me que a sossegue. O seu vestido não é demasiado simples nem demasiado ornamentado para a ocasião. Sua Graça, a sua mãe, tem um excelente gosto.

Olhando o homem que a mãe ajudara a escolher para seu marido, Margaret permitiu-se discordar.

— Na verdade, teria preferido um vestido azul-turquesa.

— Todas as jovens usam branco na sua primeira temporada social.

— Olhe para mim — insistiu Margaret, exasperada, dado que Lorde Rufus nunca a via verdadeiramente. — Não acha que

pareço um fantasma na minha própria festa de noivado? Sou, literalmente, um espectro no banquete.

— Penso que a sua tendência para o capricho está a vir à superfície.

— Com tantos folhos e pregas, este vestido mais se assemelha a um conjunto de reposteiros.

O lorde, atento ao relógio, não notou o vestígio de raiva contida no seu tom. Lorde Rufus comparou o seu relógio de ouro com o do salão de baile, franziu a testa, verificou-o novamente, fazendo um ajuste mínimo, e comparou-o uma última vez antes de fechar o estojo e voltar a guardá-lo no bolso do colete.

— É melhor que nos juntemos aos seus pais para o anúncio — disse. — Eles devem estar a ficar ansiosos.

O pequeno tique vocal que ele tinha, algo entre uma tosse e um arquejo, como se estivesse prestes a pigarrear e depois decidiu não o fazer, irritava Margaret. Embora mais ninguém parecesse reparar, sempre que ele abria a boca para falar ela preparava-se para esse som.

— Acho que se alguém tem o direito de ficar ansiosa — disse, sorrindo através de dentes cerrados —, sou eu. Afinal, a minha vida está prestes a mudar para sempre.

Embora ele lhe devolvesse o sorriso, tratava-se de um esforço simbólico que não se lhe refletia nos olhos.

— Estamos à beira de uma nova vida em conjunto, Lady Margaret. Pelo que me toca, estou ansioso por abraçá-la.

A mera ideia de ser abraçada por aquele homem era repugnante. Felizmente, passara um mês desde que o noivado tinha sido decidido e ele nunca sequer tentara fazê-lo, permitindo a Margaret ignorar a sua própria repulsa física e persuadir-se de que acabaria por aceitar o casamento. Também nunca tentara beijá-la. Se lhe tocava, era apenas para a ajudar a entrar numa sala, e as suas mãos nunca se demoravam sobre ela. Estaria tudo isso prestes a mudar? Margaret estremeceu. Seria este modelo de decência apenas um cavalheiro que aguardava com paciência a concessão formal dos seus direitos matrimoniais? Santo Deus,

o simples facto de tentar imaginar os lábios dele nos seus davalhe vontade de limpar a boca com um lenço.

De acordo com o relógio do salão de baile, faltavam menos de 10 minutos para a hora fatídica. Depois da realização do anúncio formal, não era possível voltar atrás. Estaria noiva de um homem que desprezava e que, era óbvio, também não tinha o menor interesse nela. Não, era pior do que isso. Quanto mais tempo passava na companhia de Lorde Rufus, mais Margaret se convencida de que ele não gostava mesmo nada dela. Tentara acreditar no contrário, mas tinha cada vez mais consciência da sua censura velada em relação a tudo o que lhe dizia respeito, das suas maneiras ao seu peso.

O facto de conseguir manter os seus sentimentos tão bem ocultos era outra fonte de irritação. No entanto, recordava Margaret a si própria, os *sentimentos* eram algo de irrelevante no matrimónio. Lorde Rufus estava determinado a casar com ela para os seus próprios fins, e os pais dela estavam ainda mais determinados a casá-la com ele. Ela decidira fazer todos felizes, cumprindo o seu dever, que era, sem dúvida, o curso de ação correto, e não percebia por que motivo os seus malvados instintos escolhiam precisamente um momento tão inconveniente para se rebelarem. Ia mesmo casar com este homem? Subitamente, isso parecia-lhe assustadoramente impossível.

— Lady Margaret! Temos mesmo de nos reunir ao duque e à duquesa. A paciência deles, tal como a minha, deve estar a definhar.

Dizer o que pensava, depois de semanas a morder a língua, era inconcebível. E fútil. Derrotada e abatida, a sua única opção era preparar-se para o inevitável.

— Preciso de um momento para organizar os meus pensamentos. Peço-lhe por favor — acrescentou, ao ver a resistência dele. — Preciso de me compor, meu senhor. Todos os olhos estarão sobre nós, e não quero deixá-lo ficar mal.

Mais importante, não queria deixar ficar mal a mãe. Nem o pai. Não queria deixar ficar mal quem quer que fosse. Não que

planeasse fazê-lo, mas precisava desesperadamente de um momento de solidão. Tinha passado todo o serão a ser assediada por pessoas a felicitem-na.

Para seu imenso alívio, Lorde Rufus aceitou.

— Muito bem, então, se tem mesmo de ser. Mas não se demore.

Sem lhe dar hipótese de mudar de ideias, Margaret partiu apressadamente. A atmosfera no salão de baile era sufocante, apinhado que estava. Ela estava tão quente e corada que não conseguia raciocinar em condições. A mistura de perfume caro, pomada de cabelo e transpiração fazia-lhe comichão no nariz. Tinha vontade de espirrar. Oh, quem lhe dera uma lufada de ar fresco ou, melhor ainda, os cheiros confortáveis e familiares dos estábulos de casa, em Dalkeith. *Spider*, o seu amado pônei, obedecia sem questionar a todas as suas ordens. Se ao menos ela estivesse tão bem treinada, não vacilaria ao primeiro obstáculo. Se ao menos, como a mãe opinava demasiadas vezes, ela pudesse ser mais como Victoria. Lorde Rufus, provavelmente, também teria preferido a sua exemplar irmã mais velha, mas Victoria fora destinada desde o berço a casar com Lorde Schomberg Kerr, filho da melhor amiga da mãe. Victoria, o ideal de beleza que Margaret não conseguia imitar, casara-se em fevereiro, forçando Lorde Rufus a contentar-se com a segunda e segunda melhor filha dos Duque e Duquesa de Buccleuch.

A obediente Victoria parecia feliz por aceitar o seu destino. Se ao menos Margaret conseguisse imitá-la, não estaria naquela tortura. Decidira acreditar na mãe quando esta afirmara que sabia o que era melhor para si, persuadindo-a de que a sua repulsa visceral pelo homem que lhe estava destinado diminuiria à medida que o fosse conhecendo. Poderia a repulsa diminuir até um mero desapeço, que a familiaridade transformaria em algo mais suportável? Neste momento, simplesmente não conseguia acreditar nisso. Porque é que ela não conseguia ver Lorde Rufus como os outros viam? Tinha tentado. Ninguém podia acusá-la de falta de esforço. Infelizmente, fracassara. Se ao menos não estivesse

tão certa de que os sentimentos dele refletiam os dela. Ele não estava minimamente interessado em si, apenas nas ligações da sua família. Sob a fachada suave e cavalheiresca que Lorde Rufus apresentava ao mundo, encontrava-se uma pessoa decididamente fria. Contudo, mais ninguém parecia compreender isto. Estaria enganada? No seu coração, sabia que não, embora fosse demasiado tarde para fazer alguma coisa acerca disso.

Ao sair pelas portas envidraçadas, os seus sentidos foram atingidos pelo fedor acre do Tamisa, para onde davam diretamente os jardins de Montagu House. Tapando o nariz com a mão, encaminhou-se para o recanto mais escuro do terraço. Não ficaria ali muito tempo. Em breve, faria o que era preciso.

Destapando o nariz, tentou respirar pela boca, soprando o sabor do Tamisa a cada expiração, como um fumador de cachimbo usando um tabaco barato, mas o fedor prendeu-se-lhe no fundo da garganta. Sentia comichão na pele por baixo do pó de pérola que usava para disfarçar as sardas. Os olhos ardiam-lhe por causa da revoltante mistura prescrita pela mãe para tingir as pestanas e as sobrancelhas, naturalmente ruivas, da cor preta que estava na moda. Embora Molly, a sua criada, jurasse o contrário, ela estava convencida de que a mistura era sobretudo pó de carvão.

Quanto tempo mais se atreveria a procrastinar?

Cinco minutos não eram suficientes.

Precisava de cinco horas.

Cinco semanas.

Aliás, cinco anos.

E, mesmo aí...

O seu coração batia com toda a força. A gaiola da sua enorme crinolina parecia ter vida própria, apesar das fitas que deviam sustê-la. Nas últimas semanas tivera pouco apetite, e a omnipresente fita métrica da mãe mostrava que a sua cintura diminuía para apenas 48 centímetros, mas ela sentia-se sem fôlego, como se Molly lhe tivesse apertado demasiado o espartilho.

Afastando-se da confusão do salão de baile, tropeçou de encontro à balaustrada, segurando-se a ela mesmo a tempo

de evitar cair pelos degraus que davam para os jardins às escuras. O cheiro do rio era avassalador, mas, como sempre sucedia, perdera o leque que devia ter preso ao pulso. O seu cabelo estaria a frisar sob o ar húmido, arruinando todo o trabalho da pobre Molly. O que ela daria para tirar todos os ganchos da sua rebelde melena ruiva e deixá-la tombar, solta e selvagem, pelas costas. Assim, pelo menos, uma parte sua estaria livre.

A ideia fê-la rir. O riso possuía um toque maníaco. Recuou cautelosamente para o primeiro degrau.

Ela não ia fugir.

Não podia, de todo, fugir.

Devia mesmo voltar para o salão de baile e avançar com o anúncio. E, contudo, deu por si ao fundo das escadas.

Lá dentro, a orquestra tocava os últimos acordes de uma valsa. Sobravam-lhe, no máximo, três ou quatro minutos. Os convidados que dançavam deviam estar a fazer as suas enfaçonhas vénias e cortesias. Ela conseguia imaginar a cena com uma clareza de fazer cerrar os dentes. O salão de baile seria uma labareda de luz refletida nos espelhos, devido às velas acesas nos três enormes candelabros de cristal, juntamente com os candeeiros a gás. A multidão de convidados, as mulheres nos seus vestidos coloridos e os homens nos seus fraques pretos, estariam a virar os rostos para o estrado. As senhoras estariam a fechar os leques, os cavalheiros a limpar discretamente as caras com os lenços. Os enormes ramos de rosas começariam a murchar. O penteado dela não seria o único que começara a frisar.

Por sua própria iniciativa, os seus pés começaram a recuar lentamente, afastando-a da casa, ao longo do caminho sinuoso que atravessava o jardim até ao muro que o separava do Tamisa. Lá dentro, um exército de lacaios vestidos com librés formais, os cabelos moldados como uma peruca por uma pasta de farinha e água, estaria a alinhar-se sob o olhar de lince do mordomo, pronto para distribuir taças de champanhe gelado destinadas ao brinde de celebração que se seguiria.

Há semanas que a imprensa especulava sobre o anúncio. Os membros da sociedade nascidos nas melhores famílias, os mais ilustres e influentes, estavam presentes para o testemunhar. Todos os que eram alguém tinham ocorrido a Montagu House, pois um convite do Duque de Buccleuch só ficava atrás em importância das convocatórias reais. Mas não a Princesa Louise. A sua amiga mais antiga aconselhara-a a aceitar graciosamente o seu destino. Louise, presa junto da rainha em Osborne House, na Ilha de Wight, não estaria presente para testemunhar a obediência de Margaret.

E ela devia obedecer! Margaret tentou forçar-se a voltar para trás, regressar ao salão de baile e juntar-se ao que equivalia a um desfile de vitória, cujo troféu seria ela própria. Mas não conseguiu.

Ainda não.

Nem nunca.

A verdade fê-la parar abruptamente. Desde que permitira que a mãe a persuadisse a aceitar a proposta de casamento de Lorde Rufus, que se iludia. Por mais que os pais o quisessem, não podia sacrificar-se no altar do dever casando com um homem que, sabia no seu íntimo, a faria infeliz. Simplesmente não podia avançar com aquilo. Nem que isso significasse cometer o que podia ser, e sem dúvida seria, suicídio social.

No interior do salão de baile, a mãe estaria de pé no estrado, parecendo tão ostensivamente bonita como sempre. Ao seu lado estaria o pai, alto e direito como um fuso, com as suas roupas de cerimónia pretas em flagrante contraste com o distinto cabelo vermelho como labaredas, quase tão vibrante como o de Margaret. Estaria de testa franzida, muito provavelmente consultando o relógio com impaciência. Victoria estaria mesmo atrás da mãe, junto de Kerr. E Killin estaria à frente do grupo familiar, ansioso por confirmar o seu lugar no prestigiado firmamento da dinastia Buccleuch.

Enquanto a sua mente disparava, tentando em desespero dis-cutir uma última vez com os seus instintos rebeldes, os pés de

Margaret retomaram inexoravelmente a sua viagem para longe do salão.

Volta para dentro, ordenou a si mesma. Ela estava, talvez pela primeira vez nos seus quase 19 anos nesta terra, prestes a tornar os seus pais felizes e orgulhosos. Todavia, a que custo? Também se tornaria, aos olhos da lei e da sociedade, propriedade de Lorde Rufus. Era verdade que, de momento, era propriedade dos seus pais, mas não suportava ser propriedade daquele homem em particular.

Margaret recuou mais alguns passos. Enquanto o salão de baile estivesse ao alcance da sua vista, poderia persuadir-se de que conseguiria voltar para lá a qualquer momento. Estava a fazê-los esperar, apenas isso. Não era essa a prerrogativa da noiva? No entanto, já devia passar da meia-noite. A qualquer momento, a mãe mandaria Victoria sair para a levar para dentro, como um cão pastor devolvendo ao rebanho uma ovelha em pânico.

Esse pensamento fez Margaret recuar mais para as sombras. Valentemente, fez uma última tentativa para se persuadir a si mesma a fazer o que estava certo. Imaginou-se no estrado, colocando obedientemente a mão na de Lorde Rufus. Ele pigarrearia antes de a repreender por os ter feito esperar.

Foi isso, a lembrança daquele extremamente irritante hábito que ele tinha e, seguramente, a razão mais absurda da história para cancelar um casamento, que a decidiu. Se regressasse ao salão de baile, estaria perdida. A sua coragem abandoná-la-ia, e antes que se desse conta, o anúncio estaria feito. Por outro lado, se ficasse ali escondida no jardim tempo suficiente, os pais não teriam outra escolha que não fosse, finalmente, pôr fim ao seu sofrimento. Nunca lhe perdoariam, mas a vantagem era que Lorde Rufus também não. Mais importante, se ela avançasse com aquele compromisso, nunca se perdoaria.

Lamento, lamento, lamento tanto.

Repetindo essa frase sentida para si mesma, Margaret levantou a crinolina, virou costas ao salão de baile e apressou-se em direção aos arbustos no extremo da propriedade do pai.

As lágrimas corriam-lhe pelas faces, misturando-se com a mistela fuliginosa que lhe enegrecia as pestanas, cegando-a. O cheiro a tabaco caro encheu-lhe as narinas mesmo antes de ela colidir com um homem que, ociosamente, fumava um charuto. Teria caído, desequilibrada pelo contacto com aquele volume sólido, se ele não a tivesse abraçado para a equilibrar. A colisão desfez-lhe completamente os nervos já estilhaçados. Margaret gritou, batendo-lhe selvaticamente, tentando pontapear-lhe as canelas, magoando no processo os dedos dos pés dentro das chinelas.

Ele largou-a imediatamente.

— Lady Margaret?

Ela reconheceu o intenso sotaque culto das Terras Altas escocesas como pertencendo a Donald Cameron de Lochiel, uma espécie de diplomata que era um conhecido do seu pai.

— Deixe-me em paz. Por favor, esqueça que me viu.

Escusado será dizer que ele ignorou o pedido.

— Mas por alma de quem está aqui sozinha no escuro? O seu noivado está prestes a ser anunciado.

— Pensei em escapar-me por um momento, para fumar — respondeu Margaret fulminante, sem qualquer esforço para ser polida.

Perplexo, ele relanceou o charuto aceso na sua própria mão, antes de o atirar ao chão e o pisar.

— A menina está nervosa, e não é de admirar. Deve ser uma perspetiva assustadora, especialmente diante da nata da sociedade. Permita-me que lhe ofereça o meu braço.

Falou-lhe como se ela fosse uma criança. Lochiel era muito alto e estava vestido com sobriedade, o género de homem que frequentemente se apelidava de bonito ou distinto. Contudo, como a maioria dos homens, bonitos, distintos ou não, usava barba, e logo um dos géneros de barba mais objetáveis, conhecido como *franja de Newgate*, que lhe emoldurava a cara como uma gola de arame.

— Não preciso da sua ajuda — ripostou Margaret. — Por amor de Deus, deixe-me em paz.

Por um glorioso momento, pensou que ele acederia ao seu pedido.

— Precisa de algum tempo para recuperar a compostura, é tudo. Posso compreendê-lo, mas com franqueza, Lady Margaret, perceba que não é apropriado deixar todos à espera indefinidamente. — Lochiel pegou-lhe no braço, tentando conduzi-la ao salão de baile. — Venha comigo. Os seus pais e o Lorde Rufus devem estar...

— Não! — Margaret afastou-se violentamente. Segurando as pregas do vestido, correu os poucos metros que faltavam até ao portão do jardim. Abriu-o, atravessou-o aos tropeções e, fechando-o atrás de si, fugiu para a noite.

CAPÍTULO 2

Castelo de Windsor,
março de 1865 (quatro meses antes)

— Finalmente, chegaste! — Sua Alteza Real, a Princesa Louise, pôs-se se pé com um salto quando Margaret entrou na sala.

— Oh, Lou, é tão bom ver-te. — Margaret abraçou a melhor amiga.

Como sempre, Louise ficou um pouco tensa, suportando o contacto físico apenas o tempo suficiente para não ofender, antes de se libertar gentilmente.

— Senta-te, senta-te, e conta-me tudo. Como estás?

— Isso não importa. Como estás tu? — Margaret desatou a touca e tirou as luvas, atirando-as descuidadamente para cima de uma cadeira. — Recuperaste mesmo completamente? Deixa-me olhar para ti.

Louise fez uma pose teatral, virando a cabeça de um lado para o outro antes de executar um pequeno volteio.

— Vê, completamente curada, como nova.

Examinando-a de perto, Margaret sossegou ao não ver vestígios da doença recente na pele de um branco invejável e nos brilhantes olhos azul-acinzentados de Louise. O seu macio cabelo castanho estava penteado à moda, como sempre, sem um único fio rebelde, pois Louise era extremamente cuidadosa com a sua aparência.

— *Tomara* ter uma parcela ínfima do teu estilo. Mesmo que passasse horas diante do espelho, não conseguiria atingir tal perfeição. E és tão magra. Não há nada para te apontar, como diria a minha Molly.

— As polegadas da minha cintura e a minha idade estão perfeitamente de acordo desde o meu aniversário na semana passada: 17.

— Algo que, infelizmente não posso dizer, a menos que fosse uma velha senhora de 25.

— Do que precisas — disse Louise —, é de uma dose de meningite tuberculosa.

— Foi isso que tiveste?

— Segundo o meu médico. Eu chamar-lhe-ia apenas dores de cabeça terríveis, mas isso não justificaria as quantias exorbitantes que ele cobra. Sentia-me péssima, mas não estava bastante doente para persuadir a rainha a deixar-me ficar em Balmoral. — Louise fez uma careta. — A viagem de comboio de regresso foi infernal. Tiveram de me abandonar a meio do caminho, porque eu estava demasiado doente para continuar, mas estou perfeitamente bem agora, garanto-te.

— Sem dúvida que pareces bem. — Margaret atirou-se sem qualquer elegância para cima do sofá. O pequeno *Scotch Terrier* que ocupava o outro lado latiu entusiasticamente e saltou-lhe para o colo. Ela passou a mão no pelo de arame do cão, fazendo-o abanar freneticamente a cauda. — Tão querido. Tão parecido com o meu precioso *Lix*. Tenho saudades dos meus cães.

Louise aproximou uma cadeira e começou a preparar o chá no serviço que tinha sido disposto.

— É o *Laddie*. Está um pouco velhote, por isso gosta de se esconder aqui do resto da matilha. São demasiado turbulentos para ele, coitadinho. — Entregou a Margaret uma chávena de chá e uma generosa fatia de bolo. — Suponho que não queiras dar-te ao trabalho de começar pelo pão com manteiga?

— Não, obrigada. — Ignorando o garfo do bolo, Margaret deu uma dentada. — Chocolate, o meu favorito.

— Eu sei.

— Não vais comer nem uma fatia pequenina?

— Nem uma migalha. Não quero acabar como a mamã. Desde que o papá faleceu, aumentou literalmente de corpulência, e ela nunca foi propriamente uma sílfide.

— Oh, então, Lou, nos seus primeiros retratos tinha uma figura amorosa.

— Uma crinolina esconde uma miríade de deficiências. A rainha não tem disciplina no que se refere a comida.

— Nem eu. — Margaret revirou os olhos. — Felizmente, em nome dos meus muitos vestidos novos, a mamã controla-me. Pelo menos agora estou em Londres e poderemos ver-nos mais.

— Espero que sim, mas sabes que a rainha tem prioridade quanto ao meu tempo. Tornou-se incrivelmente possessiva com as filhas desde que o papá morreu, e desincentiva-nos ativamente de ver as nossas amigas, e sobretudo de socializar sem ela. É tudo um pouco opressivo. Adiante. Que te parece a vida na capital?

Sabendo que não devia mostrar-lhe compaixão, Margaret fez o que a amiga pedia.

— O cheiro é hediondo. O próprio ar sabe mal, especialmente quando há neveiro. É como lambar uma moeda de metal. E a sujidade! Cai, literalmente, do céu. Estou sempre a precisar de lavar a cara e as mãos, e os meus saiotes estão cobertos com o que chamam lama das ruas.

— Cavalos — disse Louise enigmaticamente. — Sobretudo.

— Está tudo tão iluminado, e é tudo tão barulhento. As ruas estão cheias de pessoas, a qualquer hora, e em todo o lado os edifícios parecem em processo de demolição e reconstrução. Não consigo dormir devido ao barulho das carruagens que não param de matraquear lá fora e, apesar de me terem garantido que a nova iluminação a gás em Montagu House é segura, sempre que dá aqueles estalidos esquisitos, sobressalto-me.

— Sua Majestade considera a iluminação a gás insegura; não a quer aqui, em Windsor. Quando te perguntei se gostavas de Londres, M., referia-me à sociedade, porque devido à avidez da rainha pela minha companhia, sou forçada a desfrutar da vida por interpostas pessoas, percebes? Causaste uma grande impressão, a acreditar nos jornais.

— Sinceramente, pensei que tivessem temas mais importantes do que os vestidos que usei nos bailes, com quem dancei e se o meu cartão de danças estava ou não cheio.

— Agora tens uma ideia do que tem sido a minha vida desde a infância, sempre sob o escrutínio público. É por isso que faço questão de me apresentar sempre impecavelmente. Nunca se sabe quem está a ver.

— Bem, não estou acostumada a isso e, francamente, não me agrada a atenção. Em casa, em Dalkeith, o meu único público é uma manada de vacas a ruminar.

Louise riu-se.

— Não sei se os senhores da imprensa gostariam dessa tua comparação.

— Mas, francamente, quase não tive um momento para mim desde que cheguei à cidade. Tenho de mudar de *toilette* para cada compromisso, por vezes três ou quatro vezes por dia, e a temporada social só começa a sério depois da Páscoa.

— Eu sei que estás com medo, M., mas quem me dera ter debutado como deve ser. Teria adorado ter o meu próprio baile de debutante, mas a rainha recusou categoricamente abrir o salão de baile do Palácio de Buckingham.

— Oh, Lou. — Margaret estendeu o braço por cima da mesa para tocar a mão da amiga, cheia de compaixão, cometendo assim duas *gaffés* sociais ao mesmo tempo. — Não há sinais de Sua Majestade aliviar o seu luto?

— Bem pelo contrário. — Louise contemplou a fina fatia de pão com manteiga no seu prato e decidiu não dar uma dentada, servindo antes outra fatia de bolo a Margaret. — Quase todos os dias, desde a morte do papá, a mamã nos diz que anseia por se juntar a ele. Vivemos em bicos de pés, porque quase tudo o que dizemos a faz chorar... sinceramente, Margaret, é como se rir fosse um pecado capital. E quando a rainha não está a desejar estar morta, juro que está determinada a fazer com que todos os que a rodeiam morram de enfado. Se não fossem as minhas lições de escultura com a Mary Thornycroft, acho que enlouqueceria.

Tenho pena da mamã, a sério que tenho, mas é uma companhia tão entediante e parece indiferente ao facto de eu e a Lenchen já não sermos crianças e sim jovens senhoras.

— Santo Deus, sim, a tua irmã Helena é mais velha do que eu.

— Tem quase 19. — Louise desviou a sua chávena de chá para um lado e pegou no caderno de desenho, folheando-o ociosamente. — No mês passado fomos convidadas para um baile de máscaras em Claremont. Eu e a Lenchen estávamos tão entusiasmadas, até descobrirmos que era um baile para crianças, e que o Arthur iria connosco. Aproveitámos o melhor que podíamos. Usei um vestido ao estilo francês de *Louis Quinze*. Seda branca sobre saíotes de cetim brancos e cor-de-rosa. *Naturellement*, fui eu própria que o desenhei.

— Naturalmente — concordou Margaret. — E, naturalmente, foste a *belle* do baile.

— Bem, estava bastante amorosa. O meu cabelo foi empoado e mandei debruar o vestido com renda antiga que era da rainha, o que foi um erro, porque quando a viu teve um ataque de melancolia. «Oh, se ao menos o meu querido Alberto estivesse aqui para partilhar este momento» — imitou Louise, retorcendo as mãos.

— Já chega! É muito errado fazeres-me rir quando a dor dela é tão real.

— E tem grande poder de fixação — disse Louise com azedume. — O meu pai ficaria consternado de a ver demonstrar assim as emoções. Sabes como ele era sempre rígido e decente.

Margaret estremeceu.

— Era assustador. Tinha uma maneira de olhar através de mim, como se eu fosse tão digna da sua atenção como algo invisível.

— Era melhor ser invisível do que causar-lhe ira por um mau comportamento.

— O que quase nunca fazias, Lou, porque mesmo quando tinhas sido má, conseguias passar a culpa para outra pessoa. Não negues, sabes que é verdade.

Louise encolheu os ombros.

— O truque, como já te disse muitas vezes, é manter uma expressão impassível e não dizer nada.

Margaret serviu os restos do seu bolo a *Laddie*.

— O meu pai diz que a minha cara é a delícia do jogador de cartas, por ser tão transparente.

— É verdade, M. Percebo quando as minhas conversas te aborrecem.

— Tu nunca és aborrecida!

— Não, sou extraordinariamente fascinante e ficas presa a cada uma das minhas palavras, mas infelizmente nem todos entretêm tão bem. Estou frequentemente entediada, mas nunca o demonstro. É por isso que a rainha me considera tão boa companhia.

— Como é que fazes isso? Impedir que os teus pensamentos te transpareçam na face?

— Santo Deus, que pergunta. Não sei... é apenas algo que uma pessoa faz.

— Não é algo que *eu* faça.

— Então é algo que farias melhor em aprender, ou ver-te-ás em sarilhos, mais cedo ou mais tarde. Não queres ficar com reputação de caprichosa.

— Contudo, isso descreve-te perfeitamente.

— Ah, mas ninguém sabe disso além de ti, minha querida M.

— Eu sei que pareço ingrata, mas não sou. Tenho perfeita consciência do quanto sou afortunada. A maioria das jovens daria tudo pela minha oportunidade, tendo um guarda-roupa completo de vestidos novos e todos os momentos do dia preenchidos com compromissos.

— Santo Deus, a duquesa tem tocado com força o tambor do dever.

— Com a minha irmã Victoria a acompanhá-la nos címbalos. O problema, Lou, é que não estou aqui em Londres para me divertir. Estou aqui para cumprir o meu dever e arranjar um bom casamento.

— É o que ambas temos de fazer, quanto mais cedo, melhor. É o preço que pagamos por sermos bem-nascidas e simples mulheres.

— Pois, mas eu preferia casar tarde.

— O que é improvável, dado o sucesso que estás a ter.

— Sabe Deus porquê! A mãe está tão perplexa como eu com o meu sucesso. Talvez seja por a temporada ainda mal ter começado e haver pouca concorrência.

— Ou talvez por seres a filha de cabelos de fogo do Duque de Buccleuch.

— Segunda filha.

Louise fez um gesto de desdém.

— Eu sou a quarta filha da rainha, mas aos olhos do mundo a única coisa que interessa é que sou uma princesa. O que significa, claro, que se me apresentasse adequadamente em sociedade podia poupar-te alguma da atenção da imprensa, porque uma princesa suplanta a simples filha de um duque.

— Mas estás a apresentar-te agora, não estás? Estiveste no baile em Marlborough House na semana passada.

— Leste a reportagem no *Times*? Asseguro-te, foi exatamente tão aborrecido como parece. Foi realizado para celebrar o segundo aniversário de casamento do Bertie e da Alix. A Alix está outra vez de esperanças, mas claro que não se nota, porque anda muito apertada.

Margaret estremeceu.

— Não posso deixar de me perguntar se não seria preferível não esmagar um filho por nascer em prol da moda.

— Ela usa um espartilho especial que acomoda o bebé — disse Louise, baixando a voz para um sussurro. — Quando me deu a feliz notícia estava em casa, em *déshabillé*, e o seu estado interessante era perfeitamente óbvio. Estava a mostrar-me o vestido que mandara fazer para o baile de aniversário, e perguntei como raio esperava meter-se dentro dele. Ela mostrou-me a engenhoca, como lhe chamou. — As faces de Louise coraram. — Parecia mais um instrumento de tortura do que um espartilho.

— Nesse caso, porquê usá-lo? Reproduzir-se é perfeitamente natural.

Louise simulou um estremecimento.

— Não debes dizer «reproduzir-se» junto de companhia educada. Os cavalos reproduzem-se, assim como os animais da quinta e os cães. O povo reproduz-se. Mas as senhoras, minha querida... nem pensar. Mas tu não sabes nada?

— Desde que cheguei a Londres, percebi que a minha ignorância praticamente não tem limites — confessou Margaret. — Como é que se descreve a situação com mais delicadeza?

— Podemos admitir estar numa condição interessante ou de esperanças — mas só com as amigas. Em público, uma pessoa deve simplesmente fingir que a sua criança por nascer não existe.

— Bem, isso parece-me absurdo, dada a quantidade de tempo que uma senhora casada passa à espera de bebés.

— Oh, concordo — disse Louise, abandonando o seu tom afetado. — Pensa na minha irmã Vicky. Já teve quatro em apenas seis anos. Imagina! Em breve será a vez da tua irmã Victoria, agora que se casou. Responsabilizo a rainha, sabes, por ter lançado a moda de ter nove! — Começou a deambular pelo quarto, pegando em várias estatuetas, livros e material de desenho que cobria a maior parte das superfícies e pousando tudo noutra parte. — Agora estabeleceu a moda de um luto inexorável, e é sufocante. Ela está bastante determinada a que ninguém mais possa extrair uma única gota de alegria da vida, já que ela não pode.

— Não tinha percebido que as coisas eram tão desanimadoras. Louise voltou a sentar-se.

— Invejo a tua liberdade.

— A única liberdade que tenho é a de desapontar a minha mãe com uma frequência diária, agora que estamos sob o mesmo teto — retorquiu Margaret. — Se não é o meu cabelo, são as minhas sardas ou a minha figura. Ou a forma como entro numa sala — diz que eu irrompo pelos sítios como um polícia londrino — ou o facto de parecer não conseguir manter o meu leque, quanto mais

usá-lo adequadamente. Sabias, Louise, que é possível comunicar usando um leque?

— Claro que sim.

— Bem, eu não sabia.

— Eu e a Lenchen temos a nossa própria linguagem secreta usando talheres — disse Louise com um sorriso malicioso.

— Usamo-la durante os jantares intermináveis que temos de suportar com a rainha e o seu séquito. Isso significa podermos fazer conversa polida e enfadonha com os inevitavelmente polidos e enfadonhos cortesãos sentados ao nosso lado e, ao mesmo tempo, manter uma conversa completamente diferente uma com a outra, apenas pela forma como dispomos uma colher ou um garfo.

— Não! Ensina-me.

— Jamais, porque tentarias usá-la e a tua cara ia denunciar-te e era o fim de tudo. Vou ensinar-te algo mais útil. Já sei: vou dar-te uma lição sobre a etiqueta das vénias.

— Ensina-me a fazer vénias quando era muito pequena, antes de ser apresentada à tua mãe. Tu devias ter uns 3 anos, eu tinha 4 e foi quando vim a Londres pela primeira vez, para a inauguração da Grande Exposição.

— Somos unha com carne desde o início. O Príncipe Alberto nunca aprovou a nossa amizade, sabias? Achava que tu eras uma má influência para mim.

— Ah! Mal sabia que é exatamente o contrário.

— Julgo que me acharás uma influência positiva e uma útil fonte de conhecimento quando se trata das atitudes mundanas

— disse Louise petulantemente.

— Contra isso, não posso argumentar. Ver-te-ei como minha guia quando estiver aperaltada e a desfilar como um puro-sangue num leilão.

— Damas e cavalheiros, posso apresentar-vos Lady Margaret Elizabeth Louise Montagu Douglas Scott — recitou Louise.

— Segunda filha e sexta dos filhos do Duque e da Duquesa de Buccleuch. Que licitações fazem para esta jovem, de grande dote e excelente linhagem?

— Não te esqueças do bónus de uma mãe que se provou uma boa égua de reprodução.

— Margaret! — A boca de Louise tremeu. — Não imagino a duquesa a dizer algo tão vulgar.

— Bem, não, mas juro que eles elaboraram mesmo uma lista dos meus atributos. Acredito que seja bastante curta, repara, mas também acredito que possuam uma lista correspondente de qualidades que exigem num potencial marido. *Pedigree*, posição social, propriedades, ligações, rendimento, política. — Margaret franziu o nariz. — Todas as coisas importantes. Não lhes importa que o meu futuro marido tenha 90 anos.

— Oh, não, com 90 anos é demasiado velho para gerar filhos. Diria que estabeleceram um limite de 60. Quando muito, 70.

— Para! Nem pensar que eu beijaria um homem de 70 anos.

— Terias de fazer mais do que beijá-lo.

— *Blhec!* — Margaret tapou os ouvidos.

— Foste tu que levantaste o assunto e é preciso enfrentar os factos. Sendo uma Montagu Douglas Scott, é o que se espera de ti.

— Mas ninguém parece importar-se que, por baixo disso, eu seja uma pessoa verdadeira.

— Não, mas quando é que eles pensaram em alguma de nós dessa maneira? Não é propriamente uma surpresa que tenhas de casar, pois não? E há destinos piores, sabes? Se eu não casar, vou ser diminuída para a posição de solteirona eterna como escriba da mamã, o que estou decidida a que não aconteça.

— Oh, não, isso seria um desperdício terrível, visto teres tanto talento artístico. — A expressão de Margaret entristeceu. — O facto triste, contudo, é que não tenho um talento assim tão grande.

— Então receio que não tenhas escolha senão resignares-te ao caminho traçado para ti.

— Não esperava que fosses tão pouco empática.

— Estou a ser realista.

— Provavelmente tens razão. Vamos acabar com este assunto deprimente.

— Sim, vamos. Vais ser apresentada em abril, não é? Espero estar presente com a rainha, como de costume. Devo piscar o olho enquanto fazes a tua vénia?

— Não! O mais provável é que eu desate a rir se o fizeres, e depois tropece na cauda do vestido — disse Margaret, dividida entre o riso e o horror.

— Agora sinto-me obrigada a piscar, só para ver se prestaste atenção a alguma coisa do que te disse hoje. Quem é que a duquesa contratou para tirar a fotografia da tua *carte-de-visite*? Se ela ainda não tratou disso, posso recomendar o Sr. Jabez Hughes. Olha, vê este exemplo que ele fez para a minha amiga Sybil, não é maravilhoso?

Margaret examinou o pequeno cartão que mostrava uma jovem de expressão severa encostada a uma coluna.

— Porque é que posam sempre de perfil?

— Toda a gente tem um lado melhor, e a cara das pessoas fica mais distinta de perfil. — Louise pegou no seu caderno de desenhos e num carvão. — Repara, vou mostrar-te. Fica aí sentada com o *Laddie* enquanto vos desenho a ambos. De facto, vamos incluir na composição o teu marido ideal. Como achas que ele será? Descreve-mo.

— Ah, esse é o problema — disse Margaret tristemente. — Não faço a menor ideia. Conhecendo-me, seria alguém que os meus pais reprovariam por completo!

Illustrated London News,
sábado, 1 de abril de 1865

DEBUTANTE NOTÁVEL
APRESENTA-SE NA CORTE REAL

Na quinta-feira, a rainha viajará de Windsor para o Palácio de Buckingham, onde será anfitriã da sua quarta Receção da Temporada Social de Londres, na qual uma série de jovens senhoras seletas serão apresentadas à sociedade. Sua Majestade será acompanhada pelas Princesas Helena e Louise, e adequadamente assistida por Sua Alteza Real, o Príncipe de Gales.

Uma das mais notáveis debutantes deste ano fará a sua primeira aparição formal nesta Receção. Lady Margaret Montagu Douglas Scott, a dama de cabelos de fogo, é a segunda filha do Duque de Buccleuch e Queensberry, um dos mais eminentes pares do reino, anteriormente Lorde Guardião do Selo Privado e atualmente Bastão de Ouro pela Escócia. Lady Margaret, que tem sido elogiada como «uma lufada de ar fresco escocês» será acompanhada pela sua mãe, a Duquesa de Buccleuch, filha do Segundo Marquês de Bath, e antiga açafata da rainha.

Aconselha-se aos leitores que, caso os seus afazeres lho permitam, evitem a vizinhança do Palácio de Buckingham na quinta-feira, pois antecipa-se uma severa congestão de todos os acessos. É obrigatório um estrito código de vestuário para esta muito formal e exclusiva ocasião. Os que desejem admirar as *toilettes* das senhoras poderão vê-las no seu tempo de lazer na edição do próximo sábado, que conterà todas as ricas ilustrações que conseguimos acomodar nestas páginas.

CAPÍTULO 3

Montagu House, Londres,
quinta-feira, 6 de abril de 1865

O dia da apresentação formal de Margaret na corte começou muito cedo, quando Molly a fez levantar a uma hora imprópria para anunciar várias horas de atavios e enfeites. Primeiro foi o banho, um ritual diário consideravelmente facilitado em Montagu House, por dispor de água corrente. Normalmente Margaret desfrutava deste luxo deitada, com a água aromatizada com rosas a correr sobre ela, fechando os olhos e imaginando-se na sua casa em Dalkeith, mas hoje não lhe permitiram banhar-se sozinha.

Celeste, a formidável criada francesa da mãe, encarregou-se da tarefa, insistindo para que Molly aplicasse vigorosamente pedra-pomes nos pés de Margaret enquanto ela lhe penteava o cabelo com óleos. A sua pele foi esfregada com outros emolientes quando saiu da banheira com um ar de lagosta cozida, até estar brilhante como uma enguia e ter comichão no nariz por causa da variedade de cheiros, e os seus protestos de que nada disto era minimamente necessário porque toda a sua pessoa estaria coberta por um vestido de corte caíram, previsivelmente, em orelhas moucas.

Vestida com uma combinação de algodão que se colava ao seu corpo pegajoso, Margaret foi colocada diante do toucador, onde o espelho triplo lhe permitiu ver demasiado das maquinações de Celeste. A primeira camada aplicada no seu rosto foi um creme frio que a mãe insistira que usasse diariamente desde que chegara a Londres, na esperança vã de que lhe desvanecesse as

sardas. Apesar de estar aromatizado com água de rosas, Margaret estava convencida de sentir o cheiro do espermacete, uma substância retirada da cabeça de uma pobre baleia, sempre que lho aplicavam. O creme não tivera qualquer efeito sobre as teimosas sardas, o que levou a que em seguida Celeste lhe empoasse a cara com pó de pérola, e depois o empoasse novamente quando Margaret espirrou violentamente. Perdeu o fio às diferentes preparações que se seguiram, saídas da caixa de mogno mágica de Celeste. As sobrancelhas foram depiladas e tingidas. As pestanas e bochechas foram pintadas. Houve gotas para lhe avivar os olhos e uma pomada de cera de abelha para lhe pôr brilho nos lábios.

O cabelo demorou uma eternidade a domar, e nessa altura o pescoço e os ombros estavam rígidos e doridos com o esforço de se manter imóvel, e os ganchos picavam-lhe a cabeça. A seguir foi enfaixada na gaiola de osso rijo do espartilho, um processo doloroso e mortificante que a mãe supervisionou empunhando a sua temível fita métrica. Em seguida puseram-na noutra gaiola que era a sua crinolina; e, finalmente, foram necessários os esforços conjuntos de Celeste e Molly para a manobrar para o interior da confeção de renda, seda e cetim que era o seu vestido de corte, com as exigidas mangas curtas tufadas e o decote baixo. A longa cauda de renda foi então fixada nos seus ombros, e finalmente o véu de renda foi preso na sua nuca com um doloroso sortido de pentes e ganchos, encimado pelas duas penas brancas que todas as senhoras solteiras apresentadas à rainha deviam usar. As compridas luvas brancas foram bem apertadas, o que significava, percebeu ela com desânimo, que não conseguiria comer absolutamente nada até ao seu regresso, por medo de as sujar. O leque de penas brancas de avestruz estava preso a um pulso, o seu colar simples de pérolas e a pulseira a condizer foram adicionados. Depois ficou de pé uma eternidade, enquanto a mãe e Celeste inspecionavam, ajeitavam, consultavam e enfeitavam e Molly observava, com um sorriso pesaroso. Finalmente, com um floreado, a mãe presenteou-a, primeiro, com um lençinho de renda, e depois com um enorme ramo de flores.

Margaret mal reconheceu a jovem cuidadosamente embalada que a fitava no espelho, sem dúvida indistinguível do grupo de outras debutantes que também iam ser apresentadas. Até o seu cabelo parecia sem cor. O pânico pôs-lhe o coração a bater mais depressa e deixou-a sem fôlego. O único objetivo desta cerimónia antiquada e absurda era estabelecê-la como membro de um clube de elite ao qual ela não queria pertencer. Depois da apresentação seria oficialmente, inevitavelmente, objeto de leilão no mercado matrimonial. Não era o princípio da sua vida como jovem elegível, mas o fim da sua liberdade.

— Mamã...

— Excelente. Está exatamente como devia — disse a duquesa, sem se aperceber de que era exatamente assim que Margaret não queria estar. — Agora vamos descer e tirar o seu retrato, antes que consiga estragar tudo.

Ela seria captada para a posteridade pelo Sr. Jabez Hughes, como Louise recomendara. Com uma sensação crescente de irrealdade, Margaret observou o fotógrafo a preparar a máquina e toda a parafernália associada no estrado da orquestra, no salão de baile. O local onde ela devia posar estava marcado por uma grande cruz desenhada a giz, e o homem medira a distância entre esse ponto e o equipamento fotográfico obsessivamente, várias vezes fazendo os mais ínfimos ajustes. O pano de fundo consistia em vários biombos representando o que pareciam ser cortinas verde-escuras de bastante mau gosto e a obrigatória coluna de cartão para sustentar a sua supostamente frágil figura feminina.

Ah! Ela queria era ver um homem passar um dia inteiro a carregar uma tonelada de crinolinas e saiotos, esmagado dentro de um espartilho que mal o deixasse respirar, e muito menos comer. Incapaz de repousar bem as pernas por medo de expor os tornozelos delicados, forçado a deslizar em vez de caminhar, sem nunca deixar de manter a cabeça bem erguida e os ombros para trás, ele precisaria de mais do que uma instável coluna de cartão para se encostar. Uma hora, já para não falar de um dia,

forçaria qualquer homem a reconsiderar o uso do seu epíteto de sexo fraco!

Margaret sentiu que o seu retrato demorara apenas ligeiramente menos tempo a tirar do que a ser pintado. Passava do meio-dia quando ela e a mãe foram ajudadas a entrar na carruagem, para a curta viagem até ao Palácio de Buckingham. Parecia ridiculamente cedo para uma receção que não começaria antes das 15 horas, especialmente por estarem proibidas de entrar antes das 13h30, porém, neste aspeto, como em todos os outros aspetos do dia, provou-se que a mãe tinha razão. As carruagens transportando as debutantes que seriam apresentadas hoje e as diversas familiares que as apresentariam quase tinham parado o trânsito em Mall. Para aumentar o caos, uma multidão de espetadores, com um maravilhoso sortido de veículos, desde carroças a charretes, ladeava o desfile principal, observando divertidamente as debutantes como se estas fossem animais no jardim zoológico. Vários peões mais descarados encostavam o nariz às janelas da carruagem, para verem mais de perto.

O alívio de Margaret quando finalmente chegaram ao Palácio de Buckingham não durou muito. O seu progresso através de uma série de antecâmaras abafadas em direção à Sala de Audiências foi tortuoso. A atmosfera era silenciosa, expectante, estalando de tensão enquanto as mães ajeitavam vestidos e penas e caudas e véus, e as filhas permaneciam de pé, rígidas e afogueadas, mas impossibilitadas de usar os leques por medo de estragarem o penteado ou deixarem cair os ramos de flores que já começavam a murchar. Quando o seu estômago rugiu, o barulho parecia um trovão, chamando a atenção horrorizada de todos à sua volta e dando-lhe uma rebelde vontade de rir.

— Margaret! — silvou a mãe. — Não tem autocontrolo?

— É precisamente por ter exercido autocontrolo que o meu estômago está a protestar. Não comi absolutamente nada todo o dia.

— Por uma excelente razão. Não há aqui qualquer espécie de lavabos — disse a mãe, acutilante.

Uma debutante tinha de ter um controlo rígido sobre as suas funções corporais além do seu comportamento? Margaret achou melhor engolir a pergunta. Na verdade, à medida que a hora do debute se aproximava, debatia-se com uma necessidade urgente de fugir. Lançando um olhar crítico às outras debutantes, confirmou que o seu aspeto era exatamente igual ao delas. Alguma se sentiria como ela? Tentou convencer-se de que se tratava simplesmente de uma cerimónia que devia ultrapassar, mas sabia que significava muito mais do que isso.

— São quase três horas — disse a mãe, ajeitando a renda do vestido de Margaret. — O camareiro-mor informou-me que estamos entre as primeiras a ser chamadas. Espero não ter de a lembrar da necessidade de um desempenho impecável.

Como um daqueles cães que saltam através de argolas em fogo, pensou Margaret. Com a diferença que ela vestia as suas argolas.

— Todo este esforço só para fazer uma vénia à rainha, coisa que já fiz muitas vezes.

— Sabe que se trata de muito mais do que isso.

— Antes de fazer a minha entrada com este vestido absurdo, não pertenço à sociedade. Depois de ter percorrido a Sala de Audiências e ter sido beijada pela rainha, pertenço — gracejou Margaret numa tentativa fútil de acalmar os nervos com sarcasmo. — A rainha possui alguns poderes mágicos que eu desconheça?

— Não seja tão absurda. É um rito de passagem, marcando a sua transição de menina sem cuidados para uma jovem senhora com importância. A *carte-de-visite* com a sua fotografia desta manhã é, literalmente, o seu passaporte para a sociedade. Pensei que a menina o compreendia.

— Compreendo tudo, terrivelmente bem. — Se ela desse um passo em falso, isso anularia a cerimónia? Enquanto aguardava que um dos muitos lordes de serviço a convocasse à presença real, a vozinha rebelde na sua mente, que a acompanhava sempre, incentivou-a a fazer precisamente isso. Mas isso acabaria por se refletir negativamente na mãe e, fosse como fosse, não

acreditava que fazer uma vénia desajeitada ou tropeçar na cauda do vestido a prejudicasse enquanto troféu matrimonial.

Uma onda de excitação percorreu a multidão que aguardava quando as duas portas da Sala de Audiências foram abertas. Os procedimentos iam começar. Agora era demasiado tarde para o que quer que fosse, tirando cerrar os dentes e executar tudo sem falhas.

Um dos lordes começou a organizar a fila de acordo com a sua lista.

— Vossa Graça, tem a honra de ser a primeira, por ordem de Sua Majestade — disse, fazendo avançar Margaret e a mãe.

Apesar de ter estado na presença da rainha inúmeras vezes, Margaret sentiu uma película de transpiração fria formar-se-lhe na nuca. O coração começou a matraquear. Incentivada pela mãe, soltou a cauda do vestido, que estivera a segurar cuidadosamente sobre o braço esquerdo e outro ajudante nobre usou a sua varinha cerimonial para o espalhar atrás dela, enquanto outro recitava o seu nome.

— Lembre-se do que tem praticado, e tudo correrá bem — suspirou a mãe.

Margaret deu o primeiro passo em direção à passadeira vermelha. As penas brancas na sua cabeça agitaram-se, o véu ameaçou desmanchar-lhe o penteado e a crinolina balançou de um lado para o outro. Embora ela tivesse praticado caminhar com uma toalha de mesa engomada em volta dos ombros muitas vezes, ainda se sentia um barco muito deselegante apanhado por uma tempestade.

A mãe não a avisara de que a Sala de Audiências estaria tão apinhada. Havia um mar de cortesãos, o mais idoso dos quais era o camareiro-mor, de peruca e toga. Além de numerosos jovens nobres com os seus calções de seda pelo joelho, havia estribeiros e outros assistentes, rodeando o séquito real com as vestes e os ornamentos, os peitos envoltos em insígnias e galões, reluzindo com honras e medalhas. Damas de companhia ocupavam mais espaço com as suas penas e crinolinas, tornando a passagem para o estrado perigosamente estreita.

— Mais devagar — sussurrou a mãe pelo canto da boca quando Margaret iniciou o curto percurso.

Ao princípio não viu Louise, que estava de pé de um dos lados, parcialmente obscurecida pela irmã mais velha. Mas quando estava a um passo do estrado e a mãe a apresentou, Louise mudou de posição e levantou as sobrancelhas.

Margaret mordeu os lábios para evitar o sorriso nervoso. Santo Deus, Louise não ia mesmo piscar-lhe o olho, como ameaçara! Mas não, Louise tinha muito orgulho na sua pose pública; nunca faria nada tão arriscado.

Margaret baixou-se cuidadosamente na sua vénia completa, recitando mentalmente as instruções. Baixou-se de modo que o seu joelho quase tocou o chão. Esperou. Contou até três. Olhos no chão. *Mantém o equilíbrio. Segura bem as flores.* Os joelhos tremeram-lhe e sentiu no nariz a iminência de um espirro. Sentia o olhar de incentivo de Louise sobre ela, assim como o da mãe, o que lhe deu a força de vontade necessária para permanecer perfeitamente controlada. Estaria suficientemente curvada? Baixa o suficiente para que a pequena majestade lhe chegasse à bochecha? Santo Deus, quanto tempo mais teria de manter aquela posição?

Finalmente, a rainha dobrou-se para a frente e roçou-lhe a bochecha com um beijo, uma honra reservada a uma pequena elite. E, finalmente, Margaret pôde levantar-se, seguindo as instruções da mãe, como se tivesse uma corda amarrada à cabeça, a endireitá-la.

A etapa final da cerimónia exigia-lhe que prestasse homenagem a cada membro da família real. Estava ali Bertie, mas não Alix, provavelmente dispensada devido à sua condição. Margaret fez uma vénia funda ao Príncipe de Gales e avançou. Seguiu-se a Princesa Helena, parecendo muito diferente da Lenchen que ela conhecia, rígida e majestosa no seu vestido formal. Finalmente, Margaret chegou diante de Louise e sorriu involuntariamente ao fazer a cortesia. Ninguém podia negar a beleza elegante da amiga. O sorriso com que Louise a presenteou ao levantar-se da cortesia

foi fugaz, mas caloroso, fazendo Margaret resplandecer de orgulho, porque passara no teste, e ninguém tinha padrões mais elevados do que Lou. Nem a mãe.

— Bom trabalho.

Outro dos talentos de Louise, a sua capacidade de falar com a boca fechada. Margaret não se atreveu a mostrar que percebera, concentrando-se em recuar para fora da sala, com o olhar fixo na rainha. Outro assistente dobrou-lhe destramente a cauda do vestido, passando-lha sobre o braço esquerdo, e a tortura terminou.

Animada com o sucesso, Margaret sorriu radiosamente para a mãe assim que saiu da Sala de Audiências.

— Consegui.

— Bom trabalho — disse a mãe, ecoando inconscientemente as palavras de Louise. — Parabéns, está oficialmente apresentada à sociedade.

As palavras fizeram o seu ânimo afundar. Apresentada à sociedade. Apresentada ao mercado. E com os pés firmemente pousados num caminho que tinha apenas um destino. O casamento.

UMA HISTÓRIA DE CORAGEM, AMOR E LIBERDADE, INSPIRADA NA FAMÍLIA DA DUQUESA DE YORK

Londres, 1865. Na tentativa de se rebelar contra uma sociedade que espera das mulheres uma submissão conformada, a indomável Lady Margaret Montagu Douglas Scott decide escapar dos grilhões que a aprisionam, fugindo de um casamento forçado com um homem que despreza. Os olhares públicos, no entanto, não perdoarão essa escandalosa demonstração de desobediência, especialmente vinda da filha do duque e da duquesa de Buccleuch, próximos da rainha, e Margaret é afastada do luxo e conforto da vida na alta sociedade.

Encontrando a força necessária num grupo de espíritos rebeldes como ela, entre os quais a princesa Louise, filha da Rainha Vitória, Margaret embarca numa viagem de autodescoberta que, dos salões nobres da corte vitoriana, a levará à Irlanda, à América e de regresso ao Reino Unido, em busca da vida, do amor e da liberdade que, contra todas as expectativas e dificuldades, sempre sentiu merecer.

«Encantador...

Um romance pleno de imaginação
e inteligência. É difícil parar de lê-lo.»

Booklist



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Romance Histórico

penguinlivros.pt

topseller.editora

ISBN 9789896233921



9 789896 233921 >